

O desafio continua: Corina Coaraci na Ilustração do Brasil

The challenge remains: Corina Coaraci in Ilustração do Brazil

Eliane Vasconcellos¹

Moema Mendes²

Resumo:

Corina Coaraci (Estados Unidos, 18/4/1859 – 23/3/1892) jornalista, colaborou no periódico *Ilustração do Brasil* cujos textos publicados entre 1877 e 1880 constituem o eixo das reflexões trazidas nesta etapa do trabalho e que aqui apresentamos. A proposta de pesquisa é a elaboração de uma edição anotada das crônicas publicadas por Corina na imprensa do Rio de Janeiro, a fim de esclarecer sobre o contexto que envolvia o universo das publicações vivenciadas pela escritora. Filha da americana Mary Frances Lawe e do jornalista brasileiro Carlos Francisco Alberto de Vivaldi, colaborou em outros periódicos, como *Cidade do Rio*, *Correio do Povo*, *Folha Nova*, *Gazetinha*, *Ilustração Popular*, *O Paiz*, *South American Mail*, *The New York Herald*.

Palavras-chave: Corina Coaraci; crônicas jornalísticas; edição anotada; Ilustração do Brazil

Abstract:

Corina Coaraci (United States of America 4/18/1859 – 3/23/1892) journalist, collaborated in the periodical *Ilustração do Brasil* whose texts published between 1877 and 1880 constitute the axis of the reflections brought in this stage of the work and that we present here. The research proposal is the elaboration of an annotated edition of the chronicles published by Corina in the press of Rio de Janeiro, in order to clarify the context that involved the universe of publications experienced by the writer. Daughter of the American Mary Frances Lawe and the Brazilian journalist Carlos Francisco Alberto de Vivaldi, she collaborated in other periodicals, such as *Cidade do Rio*, *Correio do Povo*, *Folha Nova*, *Gazetinha*, *Ilustração Popular*, *O Paiz*, *South American Mail*, and *The New York Herald*.

Keywords: Corina Coaraci; annotated edition; Ilustração do Brazil.

1 Introdução

Corina Coaraci é uma figura de destaque feminino no jornalismo do século XIX. Em pesquisas realizadas entre 1877 e 1880, constatamos que em várias partes do Brasil, escritoras

¹ Doutora em Literatura Brasileira e pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. *E-mail:* vasconcellosev@gmail.com

² Doutora em Literatura Brasileira e membro do Conselho do Museu de Arte Murilo Mendes. *E-mail:* moemarbmdes@gmail.com

publicaram vários gêneros literários como poesia, teatro, romance e prosa jornalística. Entretanto, o Rio de Janeiro foi o centro-eixo destas publicações.

A partir desta constatação defendemos a importância desta pesquisa em andamento que é parte do projeto Resgate da obra de Corina Coaraci subdividido em CORINA COARACI: UMA REVISÃO QUE SE IMPÕE e CORINA COARACI: CRÔNICAS DO SÉCULO XIX PARA SEREM LIDAS NO SÉCULO XXI. Atualmente, junto com a pesquisadora Moema Mendes (também autora deste artigo) e Ivette Maria Savelli, estamos recuperando a obra da referida cronista.

Apesar de lacunas biográficas, registramos algumas informações a fim de contextualizar origem de nascimento, o trânsito da escritora entre EUA e Brasil e algumas colaborações jornalístico-críticas em prosa, gênero literário eleito por Corina³.

- Nome completo: Corina Henriqueta Albertina Lauwe de Vivaldi.
- Nasceu nos Estados Unidos, 18/4/1859, Estado de Kansas.

Os primeiros anos da sua infância transcorreram entre os Estados Unidos e o Brasil, da seguinte forma:

- 1861 - Vem para o Brasil com a família.
- 1866 - Retorna com a mãe para os Estados Unidos.
- 1869 - Volta ao Brasil fixando residência com a família no Rio de Janeiro. Nesta cidade, casou-se com Visconti Coaraci e, deste matrimônio, tiveram um filho: Vivaldo de Vivaldi Coaraci, escritor.
 - 1877 - Passa a dirigir a *Ilustração Popular*, fundada por seu pai. Foi correspondente do *Arauto*, de Petrópolis; manteve uma seção na *Folha Nova*, do Rio de Janeiro, e escreveu regularmente na *Gazetinha*, também do Rio de Janeiro.
 - 1878/1879 – Colaborou em periódicos no Rio de Janeiro: *Ilustração do Brazil* e *South American Mail*, fundados por seu pai, escrevendo em língua inglesa e língua portuguesa.
 - 1888/1889 - Foi correspondente especial do *The New York Herald* onde publicou uma série de artigos sobre o nosso movimento republicano.
 - 1890 - Ingressou no *Cidade do Rio*.
- 1890/1891 - Transferiu-se para o *Correio do Povo*.
- 1891/1892 - Volta aos Estados Unidos para cuidar de interesses familiares, entretanto, continua sua atividade jornalística em *O Paiz*, periódico no qual ingressou antes de voltar aos Estados Unidos. De lá envia a série de crônicas “No país dos dólares”.

³ Informações colhidas em COARACY, 1959.

- 1892 -. Adoeceu em Nova Iorque e, a conselho médico, transferiu-se para o sul do país, onde veio a falecer de embolia cerebral perto de Nova Orleans.

Na ocasião de sua morte o *Cidade do Rio*, na coluna “Fatos e Notas”, 2 de maio de 1892, estampa o seguinte comentário:

Creio que, nas letras brasileiras, ainda nenhuma senhora teve mais acentuada individualidade e nenhuma conseguiu, tão merecidamente, a colocação distinguida que lhe deram os jornais desta capital, por onde estrelejou a sua frase correntia e garbosa de cronista. [...]

Corina Coaraci foi, verdadeiramente jornalista. A sua frase e o seu amor pelas questões da época, o gênero a que se dedicou — crítica e crônica — documentam a índole da escritora. Faltou-lhe a paixão artística. Ela não deixa uma página de análise sutil, um lavor precioso de magoada impressão. Toda a sua obra é de luta, mesmo as mais literariamente preocupadas.

Fazendo justiça à sua minoria, que não parecerá na geração atual, manifestamos a sinceridade dos nossos sentimentos pela enorme perda da senhora que tão notoriamente, iluminou as colunas desta folha e de outros colegas com a luz do seu talento e do seu encantador espírito.

No mesmo periódico, Artur de Azevedo, por ocasião de sua morte, publicou:

Há três anos, José do Patrocínio convenceu-a de que devia entrar para a imprensa fluminense e abriu-lhe as portas da Cidade do Rio. Foi então que apareceram aquelas deliciosas crônicas semanais intituladas "A Esmo" e *assinadas* C. Cy, as quais se transferiram depois para o Correio do Povo e finalmente para O Paiz.

Foi uma revelação. Não houve aí cronista barbado que se não envergonhasse de ser implacavelmente vencido por aquela moça delicada e franzina que parecia quebrar-se aos ventos. A prosa dessas crônicas, sob uma aparência leve e ligeira, era sempre conceituosa e muitas vezes profunda. Encantava-me aquela doce filosofia feminina, aquele tom *quase* sentencioso, que se disfarçava engenhosamente com os atavios da linguagem e o comentário gracioso dos fatos insignificantes da semana.

(AZEVEDO *apud* COARACY, 1959, p. 63-64, grifos do autor).

O jornalismo na época era tabu e poucas foram as mulheres que tiveram a coragem de lançar-se nesta caminhada. Concordamos com o filho de Corina, Vivaldi Coaraci, quando afirma que a entrada de sua mãe para o *Cidade do Rio* foi um ato de coragem. Seções, por exemplo, como “Crônicas da Moda”⁴, tinham o objetivo de ensinar e ditar a moda e eram muito recorrentes no século XIX, principalmente em periódicos ilustrados, que também miravam no público feminino. Por tratar-se de informações apresentadas em partes, que eram retomadas em

⁴ Crônica da moda – 30 set. 1877; Crônica da moda 30 de outubro de 1877.

números subsequentes, tal característica pode ser encarada como uma estratégia para prender o leitor e assegurar futura compra (MARTINS, 2008).

Nas crônicas publicadas na *Ilustração do Brasil*, Corina descreveu várias tendências, com destaque para as vestimentas *brettonnes*. Em um texto que destacamos, de 30 de setembro de 1877, sob o título de Crônica da moda, a autora evidenciou que o mais importante era a boa apresentação da mulher, sem consentimentos aos caprichos da moda. Certas tendências, entretanto, registradas por ela, deixavam antever um feminino vulgar, ao contrário dos elegantes *paleots* e dos *tulle* branco franceses, usados em *toilletes* de baile, que cobriam certas partes do corpo feminino, como os ombros e a cintura, que, na opinião da autora, não deveriam ser mostradas. Estes realces foram ilustrados em estampas, publicadas no *Museo di famiglia: rivista illustrata* (Milão, 1861-1867, 1874- 1879) e na *L'Illustrazione Italiana*, que acompanharam os textos.

As publicações de Corina vêm sendo identificadas, transcritas e anotadas a partir da documentação periódica, principalmente, disponível na Biblioteca Nacional e em seu arquivo pessoal depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa.

O reencontro e a disponibilização para o público de tais obras é o que deve ser empreendido em primeiro lugar, para embasamento da discussão de outras questões, pois não se pode estudar e discutir questões teóricas sem conhecer o que as mulheres escreveram e publicaram. É necessário conhecer e discutir seus pressupostos ideológicos, seus códigos estéticos e retóricos, tão marcados por preconceitos de cor, de raça, de classe social e de gênero.

2 Ilustração do Brazil

A primeira edição da revista em sua capa trazia as seguintes informações: V.I, N. I, Rio de Janeiro – 29 de julho de 1876 – Propriedade de Charles F. de Vivaldi – Rua Primeiro de Março, n.17. A capa trazia, também, com frequência duas ilustrações que se relacionam com o tema-eixo daquela específica edição. Provenientes do exterior, a maioria das gravuras das ilustrações da revista de Vivaldi abordaram assuntos da velha Europa, porém algumas retrataram imagens sobre o Brasil, principalmente das viagens que D. Pedro II realizou, em companhia de sua família, para o exterior. Era uma revista de luxo, composta por textos submetidos à criteriosa seleção, acrescidos de muitas gravuras e quase que a totalidade de suas folhas era litografada.

Colaboraram nessa revista muitos escritores conceituados como Artur Azevedo, Franklin Távora e Machado de Assis que se empenharam em oferecer ao público culto uma revista de significativo padrão intelectual (SODRÉ, 1966).

Da lavra de Corina Coaraci há traduções de obras francesas e italianas. A saber: “Adolpho Thiers”, crônica publicada na *L’Illustrazione Italiana*, Milão, em 9 set. 1877, p. 158-9; “O abade Aubain” de Paulo Merimée foi publicado em *Nouvelles*. Paris, Michel Lévy Frères, em 1852. “Um caso de sonambulismo”; trecho de obra de Dr. Croissant; *Un cas de somanbulise*. Bruxelas, Meunier et fils, 1873. “A Sereia” de Cristian Andersen: *Contes d’Andersen*. Paris, Librairie Hachette etc cie., 1876. Uma alma pra nascer de Alexandre Dumas, pai.; “Une âme à naître” ou *Histoire d’une âme*. In: *Contes pour les grandes et les petits enfants*. Paris, 1852-1860 e “Um sonho”; produção literária de Ludovic Halévy; vol. 02, n 16 (nova série), p. 51, 1880. *Le rêve*. In: *Madame et Monsieur Cardinal*. Paris, 1872.

Quanto a outras publicações da cronista, destacamos um longo ensaio sobre a origem e o sucesso financeiro da família Rothschild, registrado de forma crítica como podemos observar em:

Rothschild, Plato, Crespo e Milhões, são os sinônimos da dinastia que reina sobre os cofres de ferro, sobre os subterrâneos dos maiores bancos do mundo. Rothschild, palavra mágica, que pronunciada por quem a pode, faz jorrar os milhões, como Moisés fazia jorrar a água nos rochedos do deserto; santo invocado por todos os ministros de Finanças, em dificuldades, por todos os poderosos à procura de dinheiro, por todos os governos necessitados, dinastia que governa o mundo sem soldados e sem canhões, com pedaços de papel do comprimento de um palmo e da largura de três dedos.

Um pedaço de papel sobre o qual se achasse escrito este nome poderia satisfazer as reclamações as mais exigentes, criar portentos, armar um exército, fundar uma cidade, causar uma guerra, tornar possíveis centenas de cousas que parecem impossíveis, e impossíveis às empresas mais simples.

A crônica intitulada, *Ontem e hoje*, publicada na *Ilustração do Brasil*, em 28 de junho de 1877, vale-se de uma reflexão provocativa e instigante. Corina nos informa ter estado com um “velho amigo” cuja conversa suscitou atenção.

Há alguns dias estive com um velho amigo, que há muitos anos não via. O bom velho é um desses fidalgos europeus de antiga estirpe e que portanto segue *ancien régime*.⁵ (ILLUSTRAÇÃO, 1877, p. 387)

⁵ Expressão francesa: ‘antigo regime’. Período político que precedeu a Revolução Francesa (1789), marcado pelo absolutismo monárquico.

A palavra “progresso”, na sua opinião, devia ser eliminada da língua. No seu tempo não havia academias onde a mocidade aprendia a negar ao seu “Deus e ao seu rei”, só se estudava uma ciência, a “heráldica”. Não compreendia como é que hoje ensinam as ciências às mulheres porque a sua santa mãe, que era uma nobre castelã, apenas sabia ler, e a sua ciência cifrava-se no saber rezar e bordar. (ILLUSTRAÇÃO, 1877, p. 390)

Palavras da cronista: “Quando se retirou [o velho amigo], comecei a pensar seriamente no que dissera. Será verdade o que disse?, perguntava a mim mesmo. Seriam mais felizes os povos dos séculos passados?”. (ILLUSTRAÇÃO, 1877, p. 390)

Ao destacarmos estas crônicas como forma de amostragem, pretendemos falar de uma Corina que escrevia para vários tipos de leitores num Brasil carioca do século XIX.

3 Preparo da Edição

O nosso trabalho se baseia nas pesquisas de fontes primárias e contribui para problematizar e renovar a historiografia oficial, que só leva em conta o *corpus* de textos canônicos. Ele se insere em um escopo mais amplo, que envolve os estudos de Ecdótica, de base filológica, e vem resultando, na prática, na edição de obras do século XIX, por meio do trabalho de localização dos textos, fixação e edição dos mesmos.

Os trabalhos de Corina que aqui apresentamos, foram publicados no *Ilustração do Brazil* entre 14 junho 1877 e 1880, sem nenhum critério de periodicidade, há números em que ela escreve mais de um artigo como na edição de junho de 1878 onde lemos “O Protótipo de D. Juan” e “Divertimentos”. As assinaturas de seus textos ao contrário dos demais periódicos não têm uma normalização, que recuperamos para o leitor

“Entre moças...”, “Ontem e hoje”, “Um macaco”, “Um novo poeta francês”, os dois textos intitulados, “Crônica da moda”, “Conversações com minha filha: a mulher literata”, “Conversações com minha filha: a mulher feia” e “Os Anéis” foram assinados com o pseudônimo Aniroc (que é o anagrama de Corina);

- “Adolpho Thiers”, “O Abade Aubain” assinado Corina de Vivaldi,
- “Velázquez e Rubens”, “Um caso de sonambulismo”, assinado C.
- “A dinastia Rothschild”, “Cristiano Andersen e as suas obras”, “A sereia: conto de Andersen” “O protótipo de D. Juan”, “Divertimentos”, “A castelã e a caridade” e “A música do futuro”, C. V.
- “Uma alma para nascer”, Corinna de Vivaldi.
- “Um sonho”. Cora Cy.

Apesar de as crônicas só terem sido publicadas no periódico, não houve problemas de leitura decorrentes da deterioração do jornal. Todos os textos possuem título, e foram introduzidos pela respectiva data de publicação, padronizada pelo modelo dia (numeral cardinal), mês (por extenso) e ano.

As notas de pesquisa de naturezas distintas – biográficas, contextuais, vocabulares – foram elaboradas pelas organizadoras. Os vocábulos e expressões estrangeiros foram traduzidos, exceto alguns de fácil compreensão, ou por que figuram em dicionários de língua portuguesa atuais.

Seguimos as seguintes etapas: localização e reprodução dos textos, digitação, estabelecimento do texto crítico, elaboração de notas e preparo da edição.

Para o preparo da edição, adotamos os seguintes procedimentos:

1. atualização da grafia dos vocábulos segundo as normas vigentes, sempre tendo por base o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Volp)*, disponível no site da Academia Brasileira de Letras, e recorrendo, quando necessário, aos dicionários de língua portuguesa *on-line*: o *Dicionário Houaiss corporativo*, o *Aulete digital*; e o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010),
2. os poemas transcritos em “Um novo poeta francês” foram cotejados com a 1ª edição;
3. manutenção do ditongo *ou* em *cousa, dous, fouce*, meia-noute;
4. os vocábulos estrangeiros foram traduzidos, exceto alguns de fácil compreensão, ou por que figuram em dicionários de língua portuguesa atuais: *toilettes, menu, gaze, paletot, chic, tulle, ladies, soirée, pollen*;
5. conservamos a expressão “flores-de-campo”, apesar de não dicionarizada;
6. atualização da grafia dos verbos quando acompanhados por pronomes oblíquos átonos: *acordal-o*, → *acordá-lo*; *temel-as*, → *temê-las*, *receberam-o* → *recebram-no*, *aconselhara-o* → *aconselharam-no*;

7. registramos a forma correta de alguns vocábulos quando grafados equivocadamente: *Les Pyreuées* por *Les Pyrénées*;
8. adoção da inicial maiúscula em Ministérios, Conselho, Câmara sempre que se refere às respectivas instituições;
9. adoção da inicial minúscula na palavra *estado* sempre que o texto se refere a uma unidade da Federação;
10. na crônica “Velázquez e Rubens” publicada em março de 1878 vários antropônimos estrangeiros são registrados. Como não há uma uniformização de suas grafias optamos por registrar a grafia de batismo: Velasquez → Velázquez; Durer → Dürrer, Miguel Angelo → Michelangelo, Paulo Veronesi → Paolo Veronese, Corregio → Correggio, Diogo Rodrigues → Diego Rodríguez; João Rodrigues de Silva → Juan Rodríguez de Silva, Jeronyma Velasques → Jerónima Velázquez; Diogo Velasquez de Silva; Diego Rodrigues de Silva y Velázquez; Philippe IV; Felipe IV; D. Joanna → D. Juana; duque de Olivarez → duque de Olivares, Luiz XIV → Louis XIV; Spinola → Spínola; Frederick Wilham Fairholt → Frederick William Fairholt;
11. na crônica “Os anéis” publicada em março de 1878 o antropônimo Domenicia → Domícia;
12. na crônica “O protótipo de D. Juan” publicada em junho de 1878, o antropônimo Gabriel Telley → Gabriel Téllez; Cirso de Molina → Tirso de Molina; manutenção da grafia dos personagens, conforme libreto em italiano: Leporello; Zerlina; Masetto; D. Anna; D. Elvira; D. Ottavio; Commendatore;
13. manutenção de formas variantes em que figuram letras consoantes que ainda hoje se proferem, desde que arroladas no *Volp*: subtil;
14. manutenção da inicial maiúscula quando se observou que a autora desejou dar destaque ao vocábulo: Moda, Senhoras;

15. manutenção da variante preságio em lugar de presságio;
16. conservamos as preposições que configuram o objeto direto preposicionado como em:
“se havia achado o meio de matar mais rapidamente ao inimigo”.
17. Decidimos não mexer no emprego das aspas. Corina especialmente nestes textos as emprega de forma peculiar, ficando difícil saber se são gralhas de impressão ou vontade autoral.

4 O papel das notas de pesquisa

No que diz respeito às notas, resumidamente podemos dizer que há duas correntes: uma que é a favor da notação a mais sucinta possível, como é o caso, por exemplo, de vocábulos desconhecidos do leitor, respeitando o argumento de que o mesmo deve buscá-los em dicionários; ou procurar em enciclopédias, se for o caso de desejar obter informações adicionais sobre fatos ou personagens citados; a outra é a favor de auxiliar o leitor o mais que puder. Para realizar nosso trabalho, seguimos os passos de Colette Becker (2013) propostos na introdução da edição da correspondência de Zola, apresentada na conferência de abertura do seminário *Artisans de la correspondance: dialogues sur l'édition de lettres en France, au Brésil et au Portugal*. O trabalho intitulou-se “La correspondance d'Émile Zola, le discours d'escorte trente ans après”, que retomava o ensaio publicado em 1984, “Le discours d'escorte: l'annotation et ses problèmes (a propôs de la correspondance de Zola), em *Les correspondances inédites* (Paris: Economica). No Brasil, esse último texto foi traduzido por Ligia Fonseca Ferreira e publicado com o título “O discurso de escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola)” (*Patrimônio e Memória*, São Paulo, UNESP, v.9, n.1, p.144-156, jan.-jun, 2013).

O papel das notas não me parece exatamente idêntico: eu preferiria chamar de “discurso de acompanhamento”, menos guerreiro. Assim, tal como a concebo, a anotação é um enorme trabalho de formiga, amiúde ingrato, quando não desesperador, nunca encerrado, sempre problemático, utópico e, para alguns, petulante em suas ambições de abarcar a totalidade ou reconstruir um objeto literário. Mas, no final, cabe ao leitor julgar, leitor que nunca é obrigado a obedecer à chamada de nota. Apesar disso tudo e por essa razão, esse trabalho continua sendo para mim cativante e necessário (BECKER, 2013, p. 144).

Nossa insistente preocupação, por isso repetida propositalmente, é saber a quem se dirige o trabalho, tarefa nem sempre fácil: público especializado? público em geral? Pensando no público em geral, e levando em conta que o nosso leitor não seja um especialista e pode não conhecer algumas palavras estrangeiras, momentos históricos mencionados, localização de alguns bairros, ou estabelecimentos, assim como personalidades tanto dos cenários, histórico, político, teatral, literário e cultural, achamos por bem elucidá-lo sobre eles. A partir desta reflexão de Becker (2013), seguem alguns exemplos de notas produzidas pelas autoras deste artigo para textos de Corina.⁶

Contextualização Histórica:

TEXTO: Entre moças – 14 de junho de 1877.

E o que resulta? Mulheres impossíveis, porque por toda a parte lavra a descrença. São livres! Leem Comte, Littré, **Moleschot**, Buchner e Bernard, e tornam-se materialistas... é o século da “emancipação da mulher”.

NOTA:

Jacob Moleschott (‘s-Hertogenbosch, 9/8/1822 – Roma, 20/5/1893). Fisiologista e filósofo holandês. Destacou-se por suas visões filosóficas sobre o materialismo científico. Sua obra mais importante, *Kreislauf des Lebens* (1852), impulsionou o materialismo no século XIX na medida em que requisitou “respostas científicas para questões científicas”.

TEXTO: Adolpho Thiers – março de 1878

O êxito da **guerra** deu-lhe razão; e caído Império, ele aprontou-se para salvar a França. Viajou por todas as capitais da Europa inutilmente, procurando uma intervenção eficaz; tratou também inutilmente com o príncipe Bismark.

NOTA:

Guerra Franco-Prussiana (19/7/1870 – 10/5/1871), conflito armado em que o Reino da Prússia, apoiado pela Confederação da Alemanha do Norte, derrotou a França, ocasionando a derrubada do sistema monárquico do Segundo Império Francês. Em 1º de setembro de 1870, o exército francês, liderado por Napoleão III foi derrotado na batalha de Sedan. Napoleão foi feito prisioneiro e Paris tomada, dando fim à guerra.

Identificação de personalidades

TEXTO: Adolpho Thiers – março de 1878

[...] o jovem Thiers saiu da pobreza e pôde pensar na sua mãe. O seu bom humor, a sua vivacidade toda meridional, a sua conversação espirituosa e atraente tornaram-no

⁶ Verificamos que muitos jovens na faixa etária de alunos universitários não conheciam nem certas localidades do Rio de Janeiro, nem alguns nomes e fatos históricos e nem algumas palavras estrangeiras. O que nos levou a elaborar certas notas que em um primeiro momento poderiam parecer desnecessárias.

estimado e procurado nas reuniões políticas daquela época. Reinou no Hotel Lafitte e governou a seu modo nos salões do **velho Taleyrand** que dizia dele: ce n'est pas un parvenue c'est un arrivé!...

NOTA

Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, príncipe de Bénévent (Paris, 2/2/1754 – 17/5/1838). Bispo, político e diplomata francês. Ocupou altos cargos durante a Revolução Francesa, o Primeiro Império, a Restauração e após a Revolução de Julho. Assumiu o papel de padrinho político de Thiers.

TEXTO: Adolpho Thiers – março de 1878

Estava ele para empreender uma viagem de circum-navegação sob as ordens do comandante Laplace quando constituiu-se o ministério **Polignac**.

NOTA:

Jules Auguste Armand Marie, 1º príncipe de Polignac (Versalhes, 14/5/1780 – Paris, 29/3/1847). Político ultramonarquista francês. Foi nomeado primeiro-ministro em 1829, sob o reinado de Carlos X, e suas medidas restritivas contribuíram para a eclosão da Revolução de Julho, em 1830.

Identificação de eventos

TEXTO: Adolpho Thiers – março de 1878

Escrevendo um pouco de cada vez, aqui e acolá nos diversos jornais, ora críticas de arte (*Salon de 1822*), ora relações de viagens (*Les Pyrénées*), ora a biografia de atrizes célebres, o jovem Thiers saiu da pobreza e pôde pensar na sua mãe.

NOTA:

Salon de mil huit cent vingt-deux, ou Collection des articles insérés au Constitutionnel, sur l'exposition de cette année. Coleção de artigos publicados no *Le Constitutionnel* a respeito do *Salon parisien de 1822* exposição inaugurada em 24 de abril de 1822, no Museu do Louvre, em Paris.

Identificação de obra musical

TEXTO: Entre moças – 30 de outubro de 1877

– Muita cousa bonita; entre elas tocaram a fantasia *Euriente* a dois pianos, e o bailado do *Guarani* a quatro mãos; quanto ao canto foi soberbo, distingui entre eles a graciosa serenata *Si tu voula s* cantada com maestria por uma distinta amadora, e a ária do *Salvator Rosa* que não deixou nada a desejar. Reservaram-nos para a *bonne bouche* o **dueto de Maria Padilla**.

NOTAS:

- Ópera romântica em 3 atos do compositor alemão Carl Maria Friedrich Ernst von Weber e libreto de Helmina von Chézy de Neyers, cuja estreia se deu em 25 de outubro de 1823, em Viena.

- Ópera em 4 atos do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes baseada no romance homônimo de José de Alencar. Libreto escrito em italiano por Antonio Scalvini e Carlo d'Ormeville, traduzido para o português por C. Paula Barros. A estreia ocorreu no Teatro Alla Scalla de Milão, em 19 de março de 1870. No Brasil estreou em 2 de dezembro do mesmo ano, no Teatro Lírico Fluminense.
- Título da serenata, também denominada *Sérénade créole*, do compositor francês Toussaint Prévost (5/4/1840 – 6/4/1886), mais conhecido pelo pseudônimo Théodore Ritter.
- Ópera em 4 atos do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes. Libreto de Antonio Ghislanzoni. A estreia se deu no Teatro Carlos Felice, Gênova, em 1874.
- Ópera de Gaetano Donizetti com libreto de Jacques Francois Ancelot estreou no Teatro Alla Scalla, Milão, em 26 de dezembro de 1841 e foi representada no Rio de Janeiro a primeira vez em 1856.

Identificação de localidades

TEXTO: Entre moças – 30 outubro de 1877

– Bem; agora dá-me notícias da Corte. É escusado que me fales no **Teatro Lírico**, porque sei que só mereceu aplausos, pois eu vim diversas vezes à cidade para assistir aos espetáculos.

NOTA

Erguido com o nome de Teatro Provisório (1852), passou a chamar-se Teatro Lírico Fluminense (1854), situado no campo da Aclamação (hoje campo de Santana) entre a rua dos Ciganos (hoje Constituição) e a rua do Hospício (hoje Buenos Aires).

TEXTO: Velázquez e Rubens – março de 1878

A sinecura de furriel-mor foi fatal a Velázquez. Quando Felipe IV casou a sua filha Maria Teresa com Louis XIV, conduziu-o até a fronteira. Os dous reis abraçaram-se na **ilha d[os] Faisões**.

NOTA

Localizada próxima da foz do rio Bidasoa que banha Espanha e França. Palco de diversos eventos diplomáticos, entre eles, a renúncia de Maria Teresa de Áustria à sucessão do trono espanhol, considerando seu matrimônio com o rei Luís XIV como cláusula do tratado.

Tradução de palavras, expressões, textos em língua estrangeira

TEXTO: Um novo poeta francês –15 de setembro de 1877

Déclaration

L'amour que je sens, l'amour qui me cuit,/ Ce n'est pas l'amour chaste et platonique,/ Sorbet à la neige avec un biscuit;/ C'est l'amour de chair, c'est un plat tonique.

Ce n'est pas l'amour des blondins pâlots/ Dont le rêve flotte au ciel des estampes./ C'est l'amour qui rit parmi des sanglots/ Et frappe à coups drus l'enclume des tempes.

Nota:

Declaração:

O amor que sinto, o amor que me queima/Não é o amor casto e platônico,/Sorvete
espumante com um biscoito;/É o amor de carne, é um prato tônico./

Não é o amor dos louros pálidos/Cujo sonho flutua no céu das estampas. /É o amor que
ri entre soluços/E bate com golpes fortes a bigorna das têmeoras. /⁷

TEXTO: Os anéis – março de 1878

É mais raro, porém encontrar um anel na vida dos santos, que não sabiam o que fazer
destes símbolos de vaidade, e penhores de afeições terrenas. Todavia nos *Acta Sanctorum*
refere-se a uma lenda concernente a um anel perdido e depois achado, e na qual S.
Katigerno, melhor conhecido como S. Mungo padroeiro de Glasgow, faz a parte de *deus*
ex-machina.

NOTA:

Expressão latina referente a um artifício teatral grego em que um elemento sobrenatural
é repentinamente introduzido ao enredo dramático para providenciar uma solução
artificial a um problema aparentemente insolúvel.

5 Conclusão

Importa registrar que esta pesquisa denominada de tendência arqueológica é um trabalho
de resgate das escritoras esquecidas e da recuperação de dados silenciados ou excluídos, como
a obra e a atuação dessas mulheres. Ela tem o propósito de divulgar a obra desta jornalista, que
se caracteriza essencialmente por sua atuação na imprensa, pois em sua produção, não há livro
publicado, somente traduções.

Quanto à elaboração das notas de pesquisa, ainda trouxemos os estudos de Colette
Becker (2013), nos quais a teórica ressalta que há perigo de o pesquisador produzir uma nota
que resulte mais importante que o texto. Vale destacar, portanto, que a elaboração de uma nota
de poucas linhas, ou até mesmo de uma linha, é fruto de longo trabalho de pesquisa.

O presente trabalho, que obedeceu às etapas de localização das crônicas, digitação e
cotejo com o original, estabelecimento do texto, pesquisa para a elaboração de notas e
organização da edição. Faz parte do projeto de pesquisa desenvolvido na Fundação Casa de Rui
Barbosa (FCRB) com o apoio do CNPq e já pode ser consultado, no *site* da FCRB, o e-book da
edição anotada da coluna “Modos e Modas-Usos e Costumes” (textos publicados na *Folha*
Nova) no endereço <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/16135>. Já foram
entregues ao Setor de Editoração da FCRB as crônicas publicadas em *O Paiz* e *Ilustração do*

⁷ Texto traduzido do francês por Júlio Castanõn Guimarães

Brasil. As da coluna “A Esmo”, que foram publicadas no *Cidade do Rio* e no *Correio do Povo*, ainda estão sendo trabalhadas.

Sintetizando, a preparação e o estabelecimento de um texto crítico obedecem aos critérios da Crítica Textual, para que se possa transmitir ao leitor um texto fidedigno, genuíno. O trabalho final de edição dos textos de Corina Coaraci não pretende apenas publicá-los, mas prepará-los, para que reflitam, realmente, a vontade da autora. Ao procurar fazer circular os textos desta escritora, estamos contribuindo para corrigir velhas ideias e preconceitos arraigados sobre a pretensa ausência da mulher nas letras nacionais.

Para a realização desta pesquisa, contou-se com a colaboração dos bolsistas Gisella Magalhães Lessa e Breno Pagoto de Oliveira, aos quais agradecemos. Somos gratas também à Prof.^a Dr.^a Marlene Gomes Mendes (*in memoriam*), pela leitura atenta de parte das crônicas de Corina publicadas na *Ilustração do Brasil*.

Referências

BECKER, Colette. O discurso da escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola). Tradução Ligia Ferreira. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, p. 144-156, jan./jun. 2013.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 139-140.

CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 2 maio 1892. Fatos e notas.

COARACY, Vivaldo. *Todos contam sua vida; memórias de infância e adolescência*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

HONTEM e hoje. *Ilustração do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 43, p. 387-390, 28 jun. 1877. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=758124&pesq=&pagfis=385>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VASCONCELLOS, Eliane. *A mulher na língua do povo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.